

Transferência se dá por estágios, afirma professor

Os migrantes que chegam diariamente ao Distrito Federal vêm basicamente de cinco estados: Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Ceará e Piauí. A informação é do técnico do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e professor da Universidade Federal de Sergipe Celso Amorim Salim.

“Os fluxos migratórios de Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro, entre 1970 e 1980, representaram 45,9 por cento da migração do Distrito Federal. A migração total do Nordeste para o DF respondeu por 42,4 por cento. Mas é importante salientar que somente o estado de Goiás contribuiu com 18,5 por cento dos migrantes para o DF”, afirmou Celso Salim.

O censo de 1980, conforme destacou Celso Salim, assinalou que 22 por cento dos migrantes do Distrito Federal tiveram origem rural.

“O grosso da migração no DF é interurbana. A percentagem dos migrantes intrarregionais na composição da população do DF em 1980 foi de 7,8 por cento. Ademais, tratou-se de uma migração

recente, pois 54,8 por cento mudaram depois de 1975. Como o Distrito Federal ficou com 42,5 por cento de toda a migração dos não-naturais da região Centro-Oeste, pode-se concluir que o problema da migração no DF se relaciona, em boa medida, com as áreas circunvizinhas ou adjacentes à sua localização geográfica”, disse.

Ao analisar sete Micro Regiões Harmônicas (MRH) da região Centro-Oeste, Celso Salim constatou que, em geral, elas apresentaram taxas negativas de crescimento populacional na área rural. As que registraram taxas de crescimento positivo oscilaram entre 0,7 e 1,8 por cento durante a década de 70. Salim ressaltou que, no mesmo período, o percentual da população urbana cresceu em média de dez por cento ao ano. As MRH analisadas foram as seguintes: Serra Geral de Goiás, Alto Tocantins, Chapada dos Veadeiros, Vão do Paranã, Mato Grosso de Goiás, Planalto goiano (onde está localizado o Distrito Federal) e o Sudeste goiano.

Celso Salim informou que, durante a década de 70, Goiás foi o único estado



Salim: fluxos passam de cidade a cidade

da região Centro-Oeste que apresentou perda líquida (número de pessoas que chegam, menos o número de pessoas que saem) de 63,4 mil habitantes.

“Em relação à região geoeconômica, temos o seguinte quadro: excetuando-se o Mato Grosso de Goiás e o Planalto goiano, que apresentaram ganhos líquidos de 107,3 mil pessoas, as demais MRHs apresentaram perda total de quase 74,7 mil habitantes. No geral, a perda rural destas sete MRHs foi de 533 mil

pessoas, ou seja, em torno de 57 por cento de toda migração líquida da região. O ganho líquido das áreas urbanas dessas MRHs foi de cerca de 519,5 mil pessoas. Supõe-se que o grosso dessa diferença, algo em torno de 14 mil pessoas, tenha se dirigido para o DF, durante a década de 70”, constatou.

Celso Salim, que está elaborando uma tese de doutorado sobre a migração no Centro-Oeste, frisou que o fato mais marcante do fluxo migratório na região é o deslocamento intramunicipal no conjunto das MRHs, indicando, claramente, uma propensão de expulsão populacional de suas áreas rurais.

“Em termos globais, o Estado de Goiás apresentou uma migração intramunicipal total de aproximadamente 524 mil pessoas, sendo que quase 396 mil (75,5 por cento da população) migraram no sentido rural-urbano. Nessas sete MRHs, a migração intramunicipal foi cerca de 260 mil pessoas, ou seja, 49,6 por cento do total”, exemplificou.

Celso Salim enfatizou a necessidade de se empreenderem novas pesquisas sobre a migração na região Centro-Oeste, com a atualização dos dados existentes: “A questão da migração para o DF, incluindo os migrantes de baixa renda, deve ser posta em novas bases. É claro que essa colocação é ainda impressionista, apesar das evidências que apontam anteriormente”, concluiu.